

## **S. Tiago Maior, apóstolo, o primeiro a ser martirizado.**

*Festa em 25 de Julho*

Lat.: Jacobus Major. Cast. Arc.: Iago, Jaime. Catalão: Jaume. Fr. Arc.: Jacques le Grand; Jacquinet, Quinet, James, Jaumes, Jayme; Diégue. It.: Giacomo (Jacopo) Maggiore di Galizia. Port.: Diogo. Ingl.: James the Elder, the Greater, Major, the More. Al.: Jakobus der Ältere, der Grössere. Hol.: Sint Jacob de Meerdere.

Filho do pescador galileu Zebedeu, era o irmão primogénito de S. João Evangelista e não de Santiago Menor, a quem se costuma confundir como irmão mais novo. Junto com João foi chamado por Cristo para tornar-se, com Pedro e André, num dos apóstolos.

O glorioso Apóstolo Santiago, Maior, Luz e Patrono das Espanhas, foi natural da Província de Galileia, filho do Zebedeu e de Maria Salomé, e irmão maior de S. João Evangelista, e primo de Jesus Cristo, segundo a carne. Foram pescadores, ambos os irmãos, como o foi o Pai Zebedeu, que vivia nas margens do mar da Galileia e devia ser pescador rico, pois tinha navio próprio e criados. S. Jerónimo diz que eram nobres. Quanto à vida de Tiago, deveremos tirar o que dele e do seu irmão dizem os sagrados evangelistas.

O epíteto o Maior significa que foi um dos primeiros chamados. Junto a S. Pedro e S. João assistiu à Transfiguração e à Agonia de Cristo, no monte das Oliveiras. Não se sabe quase nada da sua actividade apostólica, depois da Ascensão. Supôs-se que havia pregado a fé na Síria e na Judeia e que, quando regressou a Jerusalém, no ano 44, teria sido decapitado por ordem de Herodes Agripa. Desse modo, um dos primeiros apóstolos convocados por Jesus que se tornou o primeiro chamado por Deus.

S. Marcos diz que, andando o Senhor pelas margens do mar da Galileia, viu dois irmãos, Diogo (Diego ou Tiago) e João que estavam no barco do pai, consertando e preparando as redes e que os chamou para que fossem seus discípulos. E eles foram tão obedientes a esta ordem do Senhor que deixando de imediato as redes, seu pai, o barco e o seu ofício e ocupação, o seguiram, deixando todas as coisas da terra. Acrescenta ainda S. Marcos que, depois de os ter chamado, o Senhor mudou-lhes o nome, chamando-lhes Boanerges, que quer dizer, Filhos do trovão. Isto é coisa particular, digna de consideração, pois que só a S. Pedro e a estes dois irmãos, entre todos os apóstolos, lemos que o Senhor lhes trocou os nomes. A Pedro, mudando-lhe o nome de Simão em Pedro ou Cefas, porque seria a cabeça da Igreja e a pedra fundamental sobre a qual, depois de Cristo, ela deveria edificar-se. E a S. Tiago e S. João, porque depois de S. Pedro, seriam os mais próximos, familiares, mais favorecidos e prendados, como se vê em muitas coisas que lhes comunicou, excluindo os restantes. Levou-os consigo quando foi ressuscitar a filha do Chefe da Sinagoga, quis que fossem testemunhas da glória da sua sagrada humanidade, quando se transfigurou, e resplandeceu o seu divino rosto mais que o Sol no monte Tabor. Somente levou os três consigo, deixando os outros, quando foi rezar no horto de Getsémani e lhes mostrou a sua tristeza e agonia, a fim de o verem desfigurado e suando sangue, ao que antes tinham visto cheio com tanta glória e claridade.

O principal milagre que se lhe atribuía era a conversão do mago Hermógenes, evidentemente copiado da história de Simão, o Mago, derrotado pelo apóstolo Pedro.

Hermógenes enviou o discípulo Fileto para que empregasse os seus sortilégios contra Tiago. Mas, ao ver que Tiago curava os enfermos e, inclusivamente, ressuscitava os mortos, converteu-se. E, de regresso a

Hermógenes, tentou convertê-lo. O mago, enfurecido, fê-lo parálítico e Fileto só pôde recuperar os seus membros, graças ao apóstolo que o cobriu com o seu manto milagroso.

Então, Hermógenes pediu aos demónios que lhe entregassem Tiago e o seu neófito, amarrados em cadeias. Mas Tiago, ordenou, por isso, aos demónios que fizessem ao seu inimigo o dano que queria infligir-lhes. Os agentes de Satanás, subjugados por uma força superior, meteram Hermógenes em cadeias e levaram-no atado, pés e mãos a Tiago. O mago reconhecendo o seu erro, prostrando-se aos pés de Tiago, que o mandou libertar, solicitou o baptismo e lançou os livros de magia ao mar.

O modo como lhe deram a morte foi como segue. Como o santo apóstolo pregasse em Jerusalém e em toda aquela terra e convertesse muita gente à fé, os judeus manifestaram grande aborrecimento e com grande raiva e furor decidiram acabar com ele. E, para melhor realizar o seu intento, acordaram com um Mago e nigromante, chamado Hermógenes e seu discípulo Fileto, a fim de que, com argumentos, convencesse o apóstolo e através dos demónios o maltratasse. Mas este, de tal maneira ficou convencido das razões do apóstolo e, com os milagres que o viu fazer, converteu-se à nossa religião, lançando-se aos pés do apóstolo, pedindo perdão e prometendo persuadir Hermógenes que fizesse o mesmo. Mas Hermógenes ficou fora de si, enfureceu-se e, com as suas artes diabólicas, atou Fileto de tal modo que não podia mover-se. O apóstolo enviou-lhe a sua capa e Fileto foi ter com ele. Hermógenes mandou aos demónios que lhe trouxessem Santiago e Fileto, atados e encadeados. Mas os demónios, por ordem do apóstolo, ataram Hermógenes e levaram-no encadeado à presença do apóstolo. Depois ordenou a Fileto que, pelo nome de Jesus Nazareno, soltasse o seu mestre e o pusesse em liberdade. Ficou Hermógenes tão atónito e atemorizado com este acontecimento que não mais quis afastar-se do apóstolo, com receio que os demónios o matassem. O apóstolo regalou-o com um báculo seu, dizendo-lhe que com ele iria seguro. Com isto se converteu e tornou-se discípulo do apóstolo e lançou fora os seus livros diabólicos.

S. Paulo, na 2ª Epístola a Timóteo (2, 17), seu discípulo, refere-se a Figelo ou Fileto e Hermógenes, dizendo que o haviam desamparado e abandonado. Não sabemos se são os mesmos, os que Tiago converteu à Fé. Se foram, talvez se perverteram posteriormente, como fez Simão Mago que, tendo recebido o baptismo, foi depois grande e cruel inimigo de Jesus Cristo e da sua santíssima Fé.

De acordo com a tradição espanhola, que contradiz a legenda palestina, o apóstolo Santiago que teria viajado para Espanha a pregar o Evangelho, desembarcou em Cartagena. Logo, em Saragoça, ter-lhe-ia aparecido a Virgem no alto de uma coluna de jaspe (Virgen del Pilar), rodeada por um coro de anjos. Tal seria a origem da célebre basílica de peregrinação de Nossa Senhora do Pilar, em Saragoça. Em Lérida teve de permanecer, uma noite por causa de um espinho no pé. Acabou por retirar o espinho, graças aos anjos, descidos dos céus. Mais tarde, o corpo do apóstolo, depois do seu martírio, navegou até à Galiza, numa barca conduzida por um anjo.

O que depois fez, deve-se recolher em autores sérios que escreveram vidas de santos. Dizem que o santo apóstolo pregou em Jerusalém e na Samaria e que veio a Espanha e ficou algum tempo e converteu nove discípulos: Torquato, Hesíquio, Eufrásio, Cecílio, Segundo, Idalécio, Ctesifão, Atanásio e Teodoro. Como se diz, em Saragoça, Atanásio foi bispo dessa cidade e Teodoro presbítero. Embora Pelágio, bispo de Oviedo, no tempo de Afonso VI, que

conquistou Toledo, escreva, na sua história, que foram sete os discípulos de Santiago: Caleceiro, Basílio, Pio, Crisógono, Teodoro, Atanásio e Máximo.

A vinda de Santiago a Espanha, crê-se ter-se dado no tempo em que Estêvão, apedrejado e morto pelos judeus, se levantou aquela grande tempestade em Jerusalém contra a Igreja. E para confirmação disto, em Itália, na cidade de Veruli, se conserva e venera o corpo de Maria, mulher de Zebedeu, e mãe de S. Tiago e de S. João. E é opinião comum e tradição que veio para Itália por esta ocasião e ali morreu, como registou o Cardeal Baronio, nas Anotações do Martirologio. E visto que, alguns autores modernos e doutos puseram em dúvida a vinda deste glorioso apóstolo a Espanha, em meu pobre juízo, todas as razões que aduzem para provar o contrário não pesam tanto, quanto sozinha a tradição universal tão recebida e fundamentada de todas as igrejas de Espanha que o afirmam, pregam e rezam. Pois que do mesmo modo se poderiam negar, com grande detrimento para a piedade cristã, outras muitas coisas que pertencem aos santos e que não se conhecem, a não ser por tradição de pais a filhos.

Além de que o milagre de nossa Senhora do Pilar de Saragoça é um testemunho muito grande desta verdade. E apesar de que o milagre é muito conhecido, para os que não o conhecem quero narrá-lo com brevidade.

Tendo chegado o santo apóstolo a Saragoça, saiu uma noite com seus discípulos às margens do Ebro para rezar. Estando aí, apareceu-lhe a Rainha dos anjos, nossa Senhora, que estava sobre uma coluna ou pilar de jaspe (como contam as histórias e orações antigas daquela santa Igreja e se tem por tradição), foi trazida pelos anjos e colocada naquele lugar, rodeada por uma multidão daqueles espíritos celestiais que, com suavíssima harmonia, cantavam-lhe matinas e louvores. Conheceu-a o santo apóstolo, prostrou-se no chão, reverenciando-a. E ela disse-lhe: Neste mesmo lugar edificarás uma igreja em meu nome, porque sei que esta região de Espanha vai ter muita devoção por mim e desde agora a tomo sob o meu amparo e protecção.

Desapareceu aquela visão e o santo apóstolo, com diligência, realizou o que o céu lhe tinha encomendado e construiu aquela santa capela de Nossa Senhora do Pilar (que por ter ficado naquele pilar de jaspe, sobre o qual apareceu a Virgem ao santo apóstolo, assim se chama), que justamente em Saragoça e em toda a Espanha tem muita veneração. Também a Igreja de Braga celebra a festa de S. Pedro Mártir, seu primeiro bispo, dado e ordenado pelo Apóstolo Santiago, quando esteve em Espanha, assim se reza nas matinas, e as demais Igrejas de Portugal seguem, neste particular, a de Braga. E muitos autores antigos e modernos fazem menção da vinda de Santiago a Espanha, bem como o Papa Leão III que numa epístola o escreveu aos bispos de Espanha e o Papa Calixto II e o Breviário reformado de Pio V, o afirmam, e o cardeal Baronio nas Anotações do Martirologio romano dá acolhimento às razões que se alegam em contrário, as quais, como disse, são fracas se se contrapõem à tradição tão antiga e imemorial que tanta devoção e piedade guardam todas as Igrejas de Espanha. O tempo que o santo apóstolo esteve em Espanha e o fruto da sua pregação e trabalhos não se conhecem. O certo é que regressou de Espanha a Jerusalém, onde foi martirizado.

Esta legenda tardia explica-se pelo ardente desejo que animou a todos os países da cristandade de vincular a fundação das suas Igrejas locais com um dos discípulos de Cristo. Roma reivindicava S. Pedro, Grécia e Rússia, seu irmão Sto. André. A Espanha cristã quis atribuir-se o apóstolo S. Tiago, orgulhosa de se assegurar desta maneira o padroado de um discípulo directo de Cristo, enquanto a França devia contentar-se com S. Dionísio, confundido com S. Dionísio Areopagita, e a Inglaterra com S. Jorge.

Na realidade, o apóstolo Santiago nunca esteve em Espanha e as suas relíquias jamais foram trasladadas para a Galiza. Esta legenda nasceu da cruzada contra os mouros (Reconquista) e da peregrinação a Santiago de Compostela. Essa peregrinação

que foi organizada pelos monges de Cluny, para socorrer os cristãos de Espanha, na sua cruzada contra os mouros, remonta ao séc. X. Portanto, foi nessa época quando se forjou a legenda espanhola do apóstolo S. Tiago. Pretendeu-se pré-data-la. Um documento apócrifo, apresentado como texto do séc. VII, afirma que o apóstolo Santiago tinha chegado a Espanha para evangelizá-la. Cerca de 830 circulou um rumor acerca da descoberta do túmulo do apóstolo na Galiza. E, para exaltar o valor dos cruzados, contou-se que, em 834, na batalha de Clavijo, o apóstolo Santiago montado num cavalo branco, havia derrotado os infiéis, brandindo o seu estandarte. Por último, em 860, o Martirologio de Adón certificou que o túmulo do santo, que acolheu os seus ossos enviados desde Jerusalém, se encontra a Galiza.

Graças às investigações fundamentais realizadas por Monsenhor Duchesne e a escavações arqueológicas recentes (1955), que permitiram a René Louis precisar as indicações subministradas pelos textos históricos ou legendários, na actualidade estamos em condições de seguir quase passo a passo a génese de um culto tardio e forjado inteiramente entre os sécs. IX e XI.

E deu-lhes o nome de Filhos do trovão, como principais capitães do seu exército e que com a voz sonora da sua pregação e doutrina, a jeito de trovão, haveriam de espantar e converter o mundo e trazê-lo ao conhecimento e Fé no seu criador. E embora isto seja mais evidente em S. João, fundador, pai e mestre de todas as igrejas da Ásia, o qual fixando, como Águia-real, os seus limpos e agudos olhos nos raios do Sol, nos mostrou a geração do Verbo eterno. E, enquanto se ouviam trovões e relâmpagos espantosos do céu, também se cumpriu em Santiago, seu irmão que para além de ter pregado na Judeia e em Espanha, defendeu tantas vezes estes reinos e como terrível trovão e furioso raio, desbaratou e destruiu os exércitos dos mouros e de outros inimigos dos cristãos. E, com apoio e protecção deste glorioso apóstolo, os espanhóis levaram por todo o mundo o estandarte da cruz e plantaram nas Índias e noutras províncias e reinos a doutrina evangélica e deram a conhecer a gentes cegas os resplendores da divina luz. E refere o evangelista S. Lucas que indo o Senhor, próximo da Páscoa, a Jerusalém, enviou alguns dos seus discípulos adiante à cidade de Samaria onde haviam de passar, a fim de que preparassem o que haviam de comer. Porventura, como reconheceram, por seus modos e traje, que eram judeus e de diferente religião da sua, não foram bem recebidos pelos Samaritanos que não quiseram tratar com eles, nem admiti-los na sua cidade. Quando S. Tiago e S. João, seu irmão que eram filhos do trovão, viram a descortesia dos Samaritanos, movidos de zelo e desejosos de vingar a injúria que se fazia a Cristo, disseram-lhe: *Senhor, não quereis que façamos descer fogo do céu e que toda esta gente seja abrasada?* Mas o Senhor respondeu-lhes: *Não sabeis de que espírito sois*, dando a entender que aquele espírito e zelo que os movia, era espírito de vingança e não de brandura, espírito do Velho Testamento e não do Novo, de Elias e não de Jesus Cristo, o qual como tinha vindo a ensinar e ganhar os pecadores, assim o modo de os ensinar e ganhar devia ser brandura, suavidade e caridade evangélica. Finalmente estes dois irmãos foram tão estimados e predilectos do Senhor que Sua Mãe, Maria Salomé, confiada no parentesco que tinha com ele e do amor que mostrava aos seus filhos, atreveu-se a pedir-lhe os lugares mais importantes no seu Reino, que um se sentasse à direita e o outro à esquerda. Ora pediu este favor, pensando que o Salvador haveria de reinar temporalmente e, por isso, entendia que como rei deveria ter alguns ministros e pessoas de alta dignidade para o seu serviço, entre os quais desejava mãe que os filhos ocupassem os primeiros lugares. Ora pretendesse que no Reino dos céus fossem mais importantes que os outros. Mas o Senhor respondeu aos próprios filhos (de que brotara aquela petição da mãe ou feita a pensar no seu bem) que não sabiam o que estavam a pedir. Pois que se pediam dignidade temporal, o reino de Cristo não era deste mundo. E se pediam a do céu, embora o seu desejo fosse bom, o modo de o alcançar não era

acertado, pois que desejavam o triunfo, antes de terem combatido e vencido; e o favor, o que só se concedia por merecimento. Por isso perguntou-lhes se seriam capazes de beber o cálice que Ele mesmo haveria de beber e morrer por Ele, como o fazia Ele por eles. Eles responderam, com coragem e valentia que sim. E assim o cumpriram. Isto é o que o Evangelho nos diz de S. Tiago. Para além disso não há dúvida que este glorioso apóstolo esteve na última Ceia do Senhor e que o viu ressuscitado, subindo aos céus e recebeu o Espírito Santo com os outros apóstolos.

É necessário distinguir entre duas legendas, que apareceram sucessivamente: a do *apostolado* de Santiago em Espanha e a da sua *sepultura* na Galiza. Em vão se buscaria um texto que mencionasse o apostolado de Santiago na península ibérica com anterioridade ao séc. VII. Os poetas latinos Prudêncio e Fortunato, Isidoro de Sevilha e S. Martinho de Braga (Galiza), não o mencionam. A legenda tem a sua fonte fora de Espanha, no *Breviarum Apostolorum*. Na Espanha, apareceu nos finais do séc. VIII, no *Comentario del Apocalipsis*, do Beato de Liébana.

Quanto à legenda da sepultura de Santiago na Galiza, a primeira menção apareceu em 806, no *Martirologio de Florus de Lyon*. A igreja de peregrinação construída sob os pretendidos ossos do Apóstolo já existia em 874, pois que nesse ano o rei Alfonso III de León, e a sua esposa Jimena ofereceram uma magnífica cruz de ouro. A partir desse momento, os peregrinos afluíram ao túmulo do apóstolo, convertido em patrono da Espanha cristã, na guerra contra os mouros.

Textos apócrifos e tradições orais à margem de toda prova contribuíram, como é natural, para enriquecer e embelezar a legenda forjada pelos clérigos. Era necessário explicar a trasladação das relíquias do Apóstolo, desde a Palestina até à Galiza, e a sua *invenção* (achado) num sarcófago de mármore (arca marmórica), descoberto no meio de um antigo cemitério romano. Foi do nome do dito cemitério, *Compostum ubi ossa componuntur* que, no séc. XI, se criou o nome *Compostela* que a etimologia popular, à base de jogos de palavras, converteu em *Campus stellae* (Campo de la Estrela).

Falhado o procedimento usado para a destruição de S. Tiago, combinaram com dois centuriões da guarnição romana que residia em Jerusalém, Lísias e Teócrito, que estivessem em alerta, a fim de que, avisados, avançassem com os soldados para o prender num alvoroço que provocariam quando o apóstolo estivesse a pregar. Pregando Santiago com muito fervor e abundância de testemunhos da sagrada escritura, demonstrando que Jesus cristo era o verdadeiro Messias e Filho de Deus e despertando o auditório com as suas palavras, Abiatar, sumo-sacerdote, fazia o sinal para que se pusesse em marcha o que se combinara. Um dos escrivas, Josias, com grande ímpeto aproximou-se do apóstolo e lançou-lhe uma soga ao pescoço e aproximando-se os soldados, prenderam-no e levaram-no perante o Rei Herodes que, a fim de satisfazer o povo, o mandou degolar. Enquanto o levavam, diz Santo Isidoro, um paralítico pediu-lhe que o curasse e o santo atendeu-o em nome do Senhor e curou-o. S. Clemente de Alexandria acrescentou, conforme diz Eusébio de Cesareia na sua História eclesiástica, que Josias que, com mais orgulho e raiva, fora o primeiro a prendê-lo, converteu-se à fé e confessou que Cristo era Deus e pediu perdão ao santo apóstolo, com muita humildade e arrependimento e Santiago, com palavras muito doces, perdoou-lhe e a sua paz iluminou-lhe o rosto. Ao ver isto, os judeus alteraram-se, lançaram as mãos em Josias e procuraram que fosse degolado com o santo apóstolo, por cujas orações se tinha convertido. Santiago foi morto no ano 44, segundo Eusébio, no tempo do imperador Cláudio. Segundo alguns autores foi em 25 de Março, embora o Breviário reformado de S. Pio V fale em 1 de Abril.

Após a morte do santo apóstolo, os seus discípulos tomaram o sagrado corpo (ou

porque assim tivesse determinado ou seu mestre ou por particular instinto e revelação de Deus) e levaram-no ao porto de Jope (que agora se chama Jafa) e, colocando-o num navio, o trouxeram para Espanha. E, tendo navegado por todo o mar mediterrâneo, passando pelo estreito de Gibraltar, entraram no Oceano e, seguindo a sua rota, chegaram à Galiza e, na cidade de Iria Flavia (que agora se chama Padrón) desembarcaram o santo corpo. Durante muitos anos esteve secretamente escondido, por motivo de vários acontecimentos e revoltas, até que o Senhor o revelou e descobriu e se trasladou para a cidade de Compostela, onde é reverenciado, não só naquela província da Galiza, mas em todos os reinos de Espanha e de outras nações da Cristandade de onde vêm em romaria visitá-lo e venerá-lo com grande devoção, como no dia da sua trasladação que se celebra em 30 de Dezembro.

**Algumas destas lendas de peregrinação ou de cruzada devem recordar-se aqui, porque inspiraram um grande número de obras de arte.**

A trasladação do corpo do apóstolo desde Jope (Jafa, Palestina) até Santiago de Compostela, na Galiza.

Conduzido por um anjo, o corpo santo, transportado sobre um navio, ou melhor, num sarcófago de mármore flutuante, cruzou as Colunas de Hércules ou Estreito de Gibraltar, e encalhou nas costas galegas. A rainha Lupa (ou Luparia) mandou jungir touros selvagens para trazer o sarcófago, a fim de que se despedaçasse contra as rochas. Mas os touros, domesticados com um sinal da cruz, tornaram-se mansos como cordeiros, e arrastaram as relíquias até ao pátio do palácio da rainha, que se converteu e transformou o seu castelo em mosteiro: esse edifício seria o berço da célebre peregrinação de Santiago Compostela.

Santiago era patrono dos *peregrinos* e dos *fidalgos*: era necessário lendas especiais para uso de uma e outra categoria de devotos.

Os peregrinos não se cansavam de ouvir o *Milagre da forca* ou do *Enforcado desenforcado*. Na verdade, esse milagre, como o do mago Hermógenes, é um plágio. Pertence à legenda de outro santo Domingos, Domingos da Calzada, que tinha captado o reconhecimento dos peregrinos compostelanos porque melhorou o «Caminho de Santiago».

Dois esposos devotos dirigiam-se em peregrinação, de Toulouse a Santiago de Compostela. Uma tarde, alojaram-se numa pousada e a filha do pousadeiro enamorou-se do jovernito. Rechaçada por este novo José, a mulher para se vingar, pensou introduzir secretamente no surrão de peregrino do jovem desdenhoso uma taça de prata, para assim o acusar de roubo. O juiz, convocado imediatamente, comprovou o flagrante delito e condenou à forca o presumido ladrão.

Seus pais, consternados, seguiram caminho até Santiago de Compostela, e, na sua aflição, rogaram com ardor ao apóstolo Santiago que demonstrasse a inocência do seu filho. No caminho de regresso, quando passaram pelo sítio onde o jovem tinha sido enforcado, encontraram-no dependurado, mas milagrosamente vivo: ele contou-lhes que o tinham amparado a Santíssima Virgem e o apóstolo Santiago, salvando-lhe a vida.

Os pais foram buscar o juiz que encontraram sentado à mesa, cortando um galo e uma galinha assados. Disseram-lhe que o filho de ambos, dependurado na forca, há várias semanas, ainda estava vivo. O juiz negou-se a crer e respondeu com burla: «Vosso filho está tão vivo como este galo e esta la galinha que estão sobre a mesa». Então, as referidas aves prontamente começaram a cantar.

Estupefacto, o juiz aceitou então seguir os pais do que fora salvo, até ao cadafalso. Imediatamente libertou o inocente e mandou pendurar, em seu lugar, o pousadeiro e a sua filha. O galo e a galinha ressuscitados, enjaulados, foram conduzidos à igreja, onde foram tratados com mimo até morrerem de velhos.

Ao mesmo tempo que a legenda da peregrinação, se difundiu a da cruzada que popularizou a ordem de *Los Caballeros de Santiago*. Em vésperas de uma batalha contra os muçulmanos que se deu em Clavijo em 930 (a batalha teria sido em 844?), o rei Ramiro I de Astúrias, como o fizera antes o imperador Constantino, viu aparecer em sonhos o santo patrono de Espanha, montado num cavalo branco, derrotando e pondo em fuga os mouros. Assistido pelo santo *Matamouros*, Ramiro obteve a vitória. Foi a partir de então que «*Santiago*» se converteu em grito de guerra dos exércitos espanhóis.

### CULTO

Mesmo sem contar com qualquer prova histórica, Santiago Maior tornou-se o santo nacional de Espanha (*lux et decus Hispaniae*), e, conseqüentemente, alcançou a categoria dos *santos universais* que, na Idade Média, toda a cristandade venerava. Em Espanha foram-lhe dedicadas centenas de igrejas e só na diocese de Compostela há cinquenta cinco.

A sua popularidade vem-lhe da peregrinação a Santiago de Compostela, que em dignidade se colocava a par da de Jerusalém e de Roma, e rivalizava com êxito a de S. Martinho de Tours e a de S. Nicolau de Bari, atraindo multidões porventura comparáveis com as de Lourdes ou Fátima, na actualidade.

Todos los caminhos conduziam a Santiago. Como os Reis Magos, guiados pela estrela, os peregrinos apenas deviam seguir a direcção da Via Láctea que lhes assinalava a rota de Compostela (*Campus Stellae*: o Campo da Estrela. A geografia hagiográfica e monumental prestou-se a precisar os itinerários e as principais etapas dos peregrinos. Os *franceses* passavam por Tours, Limoges, Conques, Blaye, e saíam de Notre Dame du Puy para se reunir no porto de Roncesvalles. Os *alemães* reuniam-se na abadia de Einsiedeln, na Suíça, e seguiam a rota por Genebra, Lyon e Saint Gilles. Quer pacíficas, quer guerreiras, estas cruzadas internacionais tiveram enorme influência na literatura da Idade Média.

Em cada etapa os peregrinos e viajantes encontraram centros de hospedagem e acolhimento: capelas, pousadas e hospitais organizados pelas confrarias de peregrinos de Santiago pululavam em todos os países da Europa.

Como a peregrinação à Galiza fora lançada pela ordem borgonhesa de Cluny, cujos abades usavam no brasão uma concha de Santiago, e como os peregrinos procedentes do norte tinham obrigatoriamente de atravessar a França, não deve surpreender que França tenha sido, depois de Espanha, o país onde o culto de Santiago adquiriu maior extensão.

Na catedral de Arras venerava-se a *cabeça de Santiago*, que Carlos, o Calvo, teria trazido de Santiago de Compostela e doado à abadia de Saint Vaast. Na catedral de Amiens existia um altar do *queixo de Santiago*, assim chamado por causa da relíquia do apóstolo que se expunha nessa basílica. Paris tinha pelo menos três igrejas sob a advocação de Saint Jacques, patrono dos peregrinos (Apostolus Peregrinus): *Saint Jacques l'Hôpital*, *Saint Jacques la Boucherie* (talho), de que só subsiste uma torre, e *Saint Jacques du Haut Pas*, situada na margem

esquerda do Sena, no caminho que, através de Orléans e Cléry, conduzia à Galiza.

As igrejas dedicadas a Santiago abundam em todas as províncias francesas, em Dieppe, Lisieux, Compiègne, Saint Jacques des Guérets, perto de Vendôme, e Châtellerauld, em Poitou. Não obstante, não se colocou sob sua advocação nenhuma catedral. Na igreja de Saint Pantaléon de Troyes dedicou-se-lhe uma magnífica capela.

Os Países Baixos partilharam esta devoção. Basta recordar a igreja de Santiago, em Liège, que pretendia possuir um braço do apóstolo, vindo de Santiago de Compostela. Na Holanda, Santiago era patrono de Haya. A Inglaterra tinha assegurado a posse de uma mão do apóstolo e o palácio real de *Saint James*, em Londres, foi edificado sobre o antigo lugar de um hospital dedicado a Santiago. Por causa da concha, seu atributo, se esperava pela sua festa para comer las primeiras ostras. Alemanha pretendia possuir a outra mão de Santiago, doação do imperador Henrique IV à cidade de Bremen, pois que os magistrados formularam a promessa de enviar um peregrino a Santiago de Compostela cada ano, e responsabilizar-se pelos gastos. A devoção ao apóstolo Santiago também se comprova pela fundação da basílica de Santiago dos Escoceses, em Ratisbona e da Jakobkirche de Rothenburg ob der Tauber, na Francónia. Também nos países de Europa meridional abundam provas da devoção a Santiago. Em Portugal, *São Tiago* era o patrono de Coimbra. **Na Diocese do Porto, S. Tiago é patrono de 29 paróquias.** Em Itália, as cidades de Pesaro e Pistoia se encomendaram a *San Giacomo* que tinha igrejas sob essa advocação, geralmente acompanhadas por um hospital. Em Roma (San Giacomo del Colosseo, por trás do Coliseu e San Giacomo dos espanhóis, sobre a praça Navona), Bolonha, Veneza e Nápoles. O duque João Galeazo Visconti, em 1362 fundou em Milão o hospício S. Tiago dos Peregrinos, para receber os peregrinos que se dirigiam a Santiago de Compostela ou que regressavam.

De Espanha, a devoção a Santiago passou às colónias das Antilhas e da América do Sul, como demonstram os nomes de Santiago de Cuba e Santiago de Chile. É o patrono dos *peregrinos* e dos *cavaleiros*, que na Idade Média constituíam duas categorias excessivamente numerosas de fiéis ambulantes e militantes. Santiago também era o santo que os agonizantes invocavam. Era o patrono das corporações de farmacêuticos e droguistas, dos chapeleiros por causa do seu chapéu de peregrino de aba larga. Os enfermos o invocavam para a cura do reumatismo e os fruticultores agradeciam-lhe a abundância das maçãs, cujas primícias amadureciam para a festa de Santiago. O culto de Santiago alcançou o seu apogeu nos sécs. XIV e XV, para diminuir rapidamente à medida que decaía a popularidade da peregrinação a Santiago de Compostela e o espírito cavaleiresco da cruzada, que foram as suas melhores bases.

### ICONOGRAFIA

Importa distinguir três tipos iconográficos diferentes: o apóstolo, o peregrino e o cavaleiro.

#### A) O Apóstolo (*Apostolus*)

Nos testemunhos mais antigos, Santiago está representado como apóstolo. Coberto com uma toga e descalço, leva um rolo (volume) do Novo Testamento. Às vezes é representado entre dois troncos podados de árvores (Toulouse, Santiago de Compostela) ou duas palmeiras (Livro das Horas do Marquês de Boucicaut). Seus atributos são *a cruz primacial* de dupla travessa porque segundo a lenda teria sido o



primeiro arcebispo de Espanha, e a *espada* com fora decapitado.

#### B) *O Peregrino (Peregrinus)*

Pela influência da peregrinação a Santiago de Compostela, a partir do séc. XIII, quase sempre fora representado com vestes de peregrino, *calçado*, em vez de descalço, como os apóstolos. Está coberto com um chapéu de aba larga guarnecido de conchas, apoiado num bordão, com o habitual equipamento dos peregrinos, com o necessário para comer e beber: *surrão* (bolsa de couro) e *cantil*. É representado de pé ou sentado. Este tipo foi popularizado pelas insígnias de peregrinação de azabache (*azabache compostelano*) que os peregrinos traziam de Santiago de Compostela. Por um curioso fenómeno de contaminação iconográfica com os tipos da Virgem da Misericórdia e de santa Úrsula, Santiago foi representado abrigando os peregrinos debaixo do seu *manto protector*.

#### C) *Santiago Mata-Mouros*

Um terceiro tipo, mais tardio, difundido pela cruzada da Reconquista e pela Ordem de Santiago, é o tipo *equestre*. Santiago está representado cavalgando nos ares sobre um *cavalo branco*, e derrotando os mouros na batalha de Clavijo. Nesta terceira encarnação aparece como «Mata-Mouros». Em Espanha produziu-se uma confusão entre *Santiago Mata-Mouros equestre* e as imagens do *imperador Constantino* triunfando sobre os pagãos, tão frequentes nas fachadas das igrejas do Poitou e de Saintonges.

#### *Os dois Santiagos*

Do mesmo modo que é costume representar-se dois S. João, o Baptista e o Evangelista, formando parelha, também se encontram, embora raramente, alguns casos de associação de dois Santiago: o *Maior e o Menor*.

Flos sanctorum, Pedro de Ribadeneira, Tomo II, pag. 369-373, 1790  
Iconografia del arte cristiano, Louis Réau, Tomo 2, Vol. 5, pag 169-182, ed. Del Serbal, 1998  
Tradução / adaptação M A